AURORA OBREIRA

REVISTA N° 35
ANO 3 - 2014
FEVEREIRO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

EDITORIAL

Mais uma edição da revista Aurora Obreira se disponibiliza.

Avancemos em nossa organização buscando a emancipação de todxs.

Sejamos rebeldes e canalizemos nossas energias para a construção de uma nova sociedade das ruinas dessa que está moribunda. Lembremos que qualquer um(x) pode enviar suas contribuições, as quais aguardamos visando ampliar e aprofundar nossos conhecimentos em prol da emancipação de nossa gente!

Sejamos unidxs e lutemos sempre pelo fim das desigualdades sociais.

Aurora Obreira

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo,sem partido, sem religião, sem Estado.

Aurora Obreira

Número 35 - Fevereiro 2014. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Ovelha Negra, Boletim Operário, Artista Anarquista, Danças das Idéias
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 15

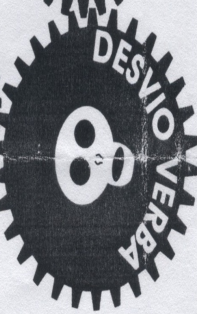
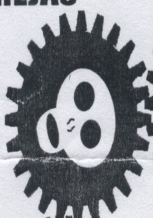
Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

VOTE NULO, 00

PARE ESTA ENGRENAGEM

CAPITALISMO

CORPORAÇÕES
ESTADO
PARTIDOS
PATRÕES
IGREJAS

AÇÃO DIRETA E LIBERDADE!

A Relevância do anarco-sindicalismo

Noam Chomsky, entrevistado por Peter Jay

A entrevista de Jay, 25 de julho de 1976 (Continuação)

PERGUNTA: É claro que a ideia fundamental do anarquismo está centrada no indivíduo - não necessariamente de forma isolada, mas com outros indivíduos – e a realização de sua liberdade. Isso de certa forma se parece muito com as ideia de fundação dos Estados Unidos da América. Em que a experiência estadunidense traz liberdade como utilizado e em que essa tradição se torna suspeita ao pensamento libertário?

CHOMSKY: Deixe-me apenas dizer que eu realmente não me considero um pensador anarquista. Eu sou um viajante com o interesse nesse ponto [do anarquismo], digamos. Os pensadores anarquistas referem-se constantemente a experiência americana e com o ideal de democracia jeffersoniano muito favoravelmente. Você sabe, o conceito de Jefferson de que o melhor governo é o governo que menos governa, ou adição de Thoreau para isso, que o melhor governo é aquele que não governa em tudo, é muitas vezes repetida pelos pensadores anarquistas até os tempos modernos.

No entanto, o ideal da democracia jeffersoniana - pondo de lado o fato de que era uma sociedade escravocrata - desenvolvido em um sistema essencialmente pré-capitalista, ou seja, em uma sociedade na qual não houve controle monopolista, não houve significativos centros de poder privado. De fato, é impressionante a voltar a ler hoje, alguns dos textos clássicos libertários. Se alguém lê, por exemplo, a crítica de Wilhelm von Humboldt do Estado de 1792 [versão em Inglês: Os Limites da Ação do Estado (Cambridge University Press, 1969)], um texto clássico significativa libertário que certamente inspirou John Stuart Mill, verifica-se que ele não fala a todos da necessidade de resistir à concentração do poder privado, ao contrário, ele fala da necessidade de resistir à invasão do poder coercitivo do Estado. E é isso que se encontra também no

início da tradição americana. Mas o motivo é que esse foi o único tipo de poder que havia. Quero dizer, Humboldt parte do princípio de que os indivíduos são aproximadamente equivalentes em seu poder privado, e que o único desequilíbrio de poder real reside no Estado centralizado, autoritário, e a liberdade individual tem que ser defendida contra essa intrusão - o Estado ou a Igreja. Isso é o que ele sente que é preciso resistir.

Agora, quando ele fala, por exemplo, da necessidade de controle de sua vida criativa, quando ele denuncia a alienação do trabalho que produz a coerção ou a instrução ou a orientação em seu trabalho, ele está dando uma ideologia anti-estatista e anti-teocrático. Mas os mesmos princípios se aplicam muito bem à sociedade industrial capitalista que emergiu mais tarde. E neste contexto que Humboldt, sendo coerente, acabou sendo um socialista libertário, em meu entendimento.

PERGUNTA: Em face desses precedentes não levariam à sugerir que há algo inerentemente pré-industrial sobre a aplicabilidade das idéias libertárias - que pressupõe necessariamente uma sociedade bastante rural em que a tecnologia e a produção sejam bastante simples, e em que a organização econômica tende a ser de pequena escala e localizada?

Chomsky: Bem, deixe-me separar isso em duas questões: uma, como os anarquistas se sentem sobre isso? e dois , o que eu penso sobre isso?

Existem dentro do movimento anarquista duas formas distintas de ver isso. Há uma tradição anarquista - e pode-se pensar, por exemplo, de Kropotkin como representante - que teve muito da carateristica que você descreve. Por outro lado, há uma outra tradição anarquista que se desenvolve no anarco-sindicalismo, que considerada simplesmente que as idéias anarquistas como um modo adequado de organização para uma sociedade industrial avançada altamente complexa. E essa tendência do anarquismo se aproxima, ou ao menos, se interrelaciona muito de perto com uma variante do marxismo de esquerda, do tipo que se encontra em,

digamos, nos Conselhos Comunistas que cresceram na tradição luxemburguesa e que mais tarde desenvolvidos por marxistas teóricos como Anton Pannekoek, que desenvolveu toda uma teoria de conselhos de trabalhadores na indústria e que ele próprio é um cientista e astrônomo, uma parte muito significativa no mundo industrial.

Então, qual dessas duas visões está correta?

Quero dizer, é necessário que os conceitos anarquistas pertencentes à fase pré- industrial da sociedade humana ou é o anarquismo o modo racional de organização para uma sociedade industrial altamente avançada? Bem, eu mesmo entendo que o último, ou seja, a minha compreensão é que a industrialização e o avanço da tecnologia levantam as possibilidades de autogestão em larga escala que simplesmente não existiam em um período anterior. E isso, de fato, é precisamente o modo racional para uma sociedade industrial avançada e complexa, em que xs trabalhadorxs podem muito bem se tornar donxs de seus próprios negócios imediatos e diretos, isto é, na direção e controle da firma, mas também pode estar em um posição para fazer as grandes decisões importantes, sobre a estrutura economica, relativas às instituições sociais, relativas ao planejamento, e muita coisa além. No momento, as instituições não permitem que eles tenham controle sobre as informações necessárias, bem como a formação relevante para entender essas questões.

Um bom negócio pode ser automatizado. Grande parte do trabalho necessário para manter um nível decente de vida social foi expedido para máquinas e continua acontecendo -pelo menos em princípio- o que significa que os seres humanos estariam livres para empreender o tipo de trabalho criativo que não foi possível, objetivamente, nos estágios iniciais da revolução industrial.

PERGUNTA: Eu gostaria de prosseguir por um momento na questão da economia de uma sociedade anarquista, mas você poderia esboçar um pouco mais detalhadamente a constituição política de uma sociedade anarquista, como seria vê-la em condições modernas? Haveria partidos políticos, por exemplo? Quais as formas residuais de

governo de fato permaneceriam?

CHOMSKY : Deixe-me esboçar o que eu entendo como seria um consenso aspero, e um que eu compreendo que seja essencialmente correto. Começando com os dois modos de organização e controle , ou seja, organização e controle no trabalho e na comunidade , pode-se imaginar uma rede de conselhos de trabalhadores, e em um nível superior, a representação através das fábricas, ou em ramos da indústria, ou através de ofícios, e para as assembléias gerais de conselhos de trabalhadores que podem ser regional, nacional e internacional, em geral. E a partir de outro ponto de vista , pode-se projetar um sistema de governo que envolve assembléias locais -mais uma vez, federados regionalmente, lidando com questões regionais, cruzando artesanato, indústria, comércio, e assim por diante, e, novamente, no nível de uma nação ou além.

Agora, exatamente o modo como eles se desenvolvem e como eles se interrelacionam e se você precisa de ambos ou apenas um, bem, essas são questões sobre as quais os teóricos anarquistas têm debatido e existem muitas propostas, e eu não me sinto confiante para aceitar um padrão. Estas são questões que terão de ser trabalhadas.

PERGUNTA : Mas, não haveria , por exemplo, as eleições nacionais diretas e partidos políticos organizados de costa a costa, como existe? Por que, se houvesse que, presumivelmente, criar uma espécie de autoridade central que seria hostil à idéia de anarquismo?

Chomsky: Não, a idéia de anarquismo é que a delegação de autoridade é bastante mínima e que os seus participantes, em qualquer um desses níveis de governo devem estar diretamente sensível à comunidade orgânica em que vivem. Na verdade, a situação ideal seria a de que a participação em um desses níveis de governo deve ser temporária, e mesmo durante o período em que ela está ocorrendo deve ser apenas curto, ou seja, os membros de um conselho de trabalhadores que estão possuem algum tempo para

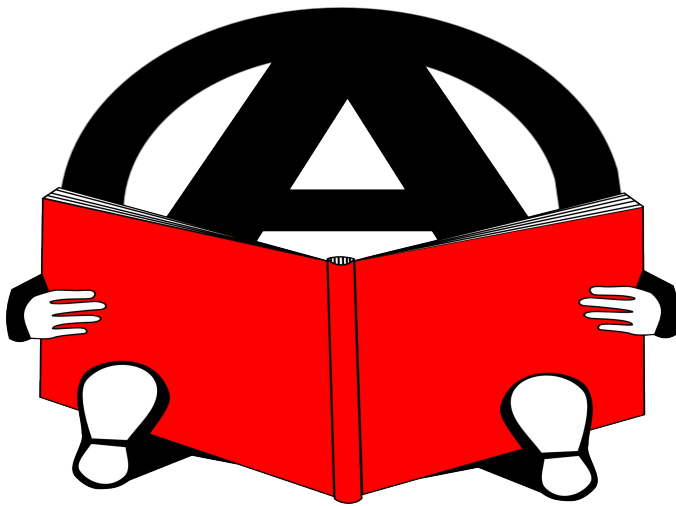
tomar decisões que outras pessoas não o tenham, e também que devam continuar em parte, de fazer o seu trabalho no local de trabalho ou comunidade do bairro em que pertençam.

Quanto aos partidos políticos, a minha sensação é de que uma sociedade anarquista não teria que forçadamente impedir os partidos políticos existam. Na verdade, o anarquismo sempre foi baseada na idéia como no tipo de leito de Procusto, qualquer sistema de normas que se impõe sobre a vida social vai restringir e muito subestimar a sua energia e vitalidade e que todos os tipos de novas possibilidades de organização voluntária pode desenvolver em que o nível mais elevado de cultura material e intelectual. Mas eu acho que é justo dizer que na medida em que os partidos políticos sejam considerados necessários, a organização anarquista da sociedade terá falhado. Eu penso, que onde há participação direta em autogestão, nos assuntos econômicos e sociais, onde ocorra conflitos, facções e diferenças de interesse, de idéias e opiniões, seja necessário cultivar a comunicação e respeito em todos os niveis. Mas diante disso, eles devam cair em dois, três ou “n” partidos políticos, eu não vejo assim. Eu acredito que a complexidade do interesse humano e da vida não levariam a essa moda. Partidos representam basicamente interesses de classe, e as classes teriam sido eliminadas ou superadas em uma sociedade anarquista.

PERGUNTA: Uma última pergunta sobre a organização política. Não é perigoso neste tipo de montagem estrutural e quase-governamental hierarquizada, sem eleições diretas, que o corpo central, ou do corpo que está, em certo sentido, na parte superior da pirâmide, ficar muito distante do povo em sua base? E uma vez que é possível ter alguns poderes, em caso de lidar com assuntos internacionais, por exemplo, e poderia até ter o controle sobre as forças armadas ou algo equivalente, não seria menos democraticamente ágil do que o regime existente?

Chomsky: É uma possibilidade que qualquer sociedade libertária corre em seu desenvolvimento, de tender como descreveu, a qual as instituições devam ser projetadas para evitar. E eu acho

que isso é perfeitamente possível. Eu mesmo sou totalmente persuadidos de que a participação na governança é um trabalho em tempo integral, como por exemplo, em uma sociedade irracional, onde surgem todos os tipos de problemas por causa da natureza irracional das instituições. Mas em uma sociedade industrial avançada funcionando adequadamente e organizada ao longo de linhas libertárias, eu acho que a execução de decisões tomadas pelos órgãos de representação é um trabalho em tempo parcial, tendo um rodízio dentro da comunidade e, além disso, deve ser realizada por pessoas que permaneçam trabalhando. Pensemos na administração como, digamos, uma produção de aço. Se isso pode ser verdade - e eu acho que é uma questão de fato empírico que tem que ser determinada, não pode ser projetada apenas mentalmente - mas se vier a sair para ser verdade, então parece-me que a sugestão natural seria que a administração deva ser organizada industrialmente, como simplesmente um dos ramos da indústria, com os conselhos de seus próprios trabalhadores e sua próprio auto-governo e sua própria participação em assembléias mais amplas.

Eu poderia dizer que em conselhos de trabalhadores que espontaneamente desenvolvidos aqui e ali - por exemplo, na revolução húngara de 1956 – isso foi o que aconteceu e foi muito bonito. Havia, pelo que me lembro, conselho de funcionários públicos que foram simplesmente organizados ao longo das linhas industriais como ramo da indústria dos trabalhadores. Isso é perfeitamente possível, e que deveria ser ou poderia ser uma barreira contra a criação do tipo de burocracia coercitiva remota que os anarquistas têm medo.

A filosofia política do anarquismo espanhol

José Álvarez Junco – Universidade Complutense de Madrid

Uma das perguntas com as quais se poderia iniciar uma reflexão sobre o anarquismo como filosofia política consistiria em questionar se ela se inscreve logicamente, como se deu, por suposto, tantas vezes no caso espanhol, dentro do “movimento obreiro” ou se não é, melhor, uma tomada de posição independente do “obreirismo”. É certo que, de maneira formal, surgiu na vida pública em 1872, como cisão da Associação Internacional dos Trabalhadores, no qual enfrentou o setor marxista, dominante na organização desde sua fundação, oito anos antes. Chamou-se, então, ramo “antipolítico” ou “anti-autoritário”, estava encabeçada por Bakunin e James Guilhaume, e se nutria, sobretudo, dos chamados “proudhonianos”. Pierre Joseph Proudhon, o pai remoto daquelas ideias, ,viveu entre 1809 e 1865, e poderia definir-se como trabalhador toneleiro e teórico do “socialismo utópico”, mas em ambos os aspectos foi muito peculiar: como socialista, porque não era partidário de coletivizar a propriedade, senão que legitima-la, fundando-a no trabalho; como trabalhador, porque abandonou desde jovem o ofício artesanal familiar e viveu durante o resto da vida como periodista e autor de livros e folhetos políticos. Ainda que, sem dúvida, se considerava um filósofo político, destacou-se sobretudo por sua capacidade, como publicista, de provocar, de criar escândalo:

declarou-se “anarquista”, disse que a propriedade era um “roubo” e denunciou a “burguesia” como opressora do “povo”; mas, no momento de descrever seu ideal de sociedade igualitária e livre, a assentou sobre um princípio etéreo como a “justiça” (definida como a retribuição a partir da fórmula, quase tomista, “a cada qual segundo seu trabalho”); essa sociedade deveria, além disso, reger-se pela atuação espontânea das forças sociais, sem governo nem coação de nenhum tipo.

Entre os muitos seguidores que Proudhon teve na França estavam os trabalhadores e artesãos que se integraram na Internacional. Mas seu ideal não consistia em superar o capitalismo a partir do rígido princípio marxista da coletivização ou estatização dos meios de produção, senão que em fórmulas próximas ao cooperativismo autogestionário. E poderia assegurar-se que tampouco era isto o que atraía àqueles que se declaravam discípulos de Proudhon, senão que sua idealização das virtudes morais do “povo” frente às depravadas classes dirigentes, ou sua fé na capacidade liberadora do avanço científico. Somente estas premissas tornavam possível a proposta de uma sociedade sem nenhum tipo de exploração nem de coação.

A introdução das doutrinas proudhonianas na Espanha foi obra, em boa medida, de Fernando Garrido y Francesc Pi i Margall, dois escritores democratas republicanos que, de nenhum modo, poderiam qualificar-se de dirigentes obreiros. Na verdade, a meados do século XIX o movimento obreiro espanhol era muito débil, se se compara com o que recebia este mesmo nome nos países mais avançados da Europa. Basta pensar na quantidade de assinaturas que foram enviadas ao general O’Donnel nos anos de 1850, reclamando a legalização do direito de associação, avalizados por 30.000 nomes. Pouco antes, os cartistas ingleses haviam sido capazes de enviar ao parlamento, em favor deste mesmo direito, três milhões de assinaturas – quer dizer, cem vezes mais. Ainda em termos de comparação, recordem-se também dos 5.000 votos que alcançaria o PSOE quando se apresentou às eleições gerais sob sufrágio universal masculino, na última década do século, frente ao milhão e meio que conseguiu o PSD alemão naqueles mesmos anos; neste caso, a comparação é ainda mais ampla, não 1/100 como o

exemplo anterior, senão 1/300. Poderia-se explicar estes dados fazendo referência à menor população espanhola, ou à mais débil e tardia industrialização do país. Mas não seria suficiente. Além do menor desenvolvimento econômico, havia que mencionar o contexto político e cultural no qual se produziam estas reivindicações trabalhistas. Sobre isso voltaremos mais tarde.

Pese as diferenças com os países do entorno, os movimentos obreiros espanhóis, como os políticos de signo radical, viram-se muito dependentes de modelos e acontecimentos europeus, e especialmente franceses. Novamente, uma anedota pode ser reveladora: Pablo Iglesias não se limitou a tomar emprestado o título de Le socialiste para o órgão de seu partido, senão que esperou vários meses para iniciar a publicação de seu periódico porque não lhe chegavam uns tipos de letra exatamente iguais aos do periódico francês. Este fenômeno afetou também as publicações libertárias (La Revista Blanca/La Revue Blanche, El Rebelde/ Le Revolté...). Mas não somente tipos de letra nem títulos das publicações. O terrorismo também começou na Espanha alguns meses, ou um par de anos, depois de que se produzira na França e na Itália, que o haviam importado, por sua vez, da Rússia. O sindicalismo revolucionário inspirou-se nas táticas, consignas e modelos da CGT francesa. Pode-se perguntar, tendo em vista estes fatos, se a interpretação baseada em dados sociais próprios do país não é limitada; quer dizer, se a necessidade da revolução e a emergência de dirigentes e ideólogos que interpretaram a luta em termos de burguesia-proletariado não foi gerada mais pela imitação, consciente ou inconscientemente, dos acontecimentos europeus que pela dinâmica autônoma da sociedade espanhola.

Que o obreirismo militante fora tardio e minoritário na Espanha, não quer dizer que não fora muito radical. O triunfo das posições proudhoniano-bakuninistas na cisão de 1872, assim como a persistência do anarquismo ao longo dos dois terços de século seguintes em certas zonas, como Catalunha e Andaluzia, assim o indicam. Mas também neste aspecto convém retificar alguns tópicos herdados. O anarquismo espanhol não foi, em primeiro lugar, tão constante, tão poderoso nem tão excepcional como se tende a crer. A Primeira Internacional entrou na Espanha em 1868, mais tarde que

na maioria dos países europeus e aproveitando o ciclo de revolucionário iniciado aquele ano. A tomada de posição massiva dos espanhóis em favor de Bakunin frente a Marx em 1870-1872 não teve nada de extraordinário no contexto cultural e político em que se desenvolviam os acontecimentos, pois o mesmo que na Espanha aconteceu em toda a área latina, ampliada a seus vizinhos belgas e suíços. Aquela Internacional desapareceu depois da cisão de fins de 1872, e o mesmo ocorreu na Espanha, ainda que um ano mais tarde, devido a que a dinâmica do movimento revolucionário iniciado em 1868 não se extinguiu até começos de 1874.

Mais estranha foi a reaparição da Federação de Trabalhadores em 1881, realmente espetacular nos dois anos seguintes, até sua não menos espetacular decadência ao terminar este período. Não é o tema deste artigo tratar com detalhe estas etapas, que serão objeto de outras páginas deste livro. Mas sigamos com a comparação com o resto do mundo ocidental. O terrorismo anarquista dos noventa foi completamente normal, em relação com esse contexto. Não existem argumentos comparativos nem qualitativos que avaliem a ideia de que este fenômeno adquiriu maior virulência na Espanha que em outros países. Poderia, inclusive, dizer-se que ocorreu o contrário: nenhum chefe de Estado espanhol perdeu sua vida em consequência de um atentado anarquista, e tal coisa ocorreu em meia dezena de países europeus e nos Estados Unidos. Em redor de 18956, Rússia, França ou Itália, e não Espanha, eram os paradigmas mundiais do terrorismo anarquista. As fichas da polícia francesa sobre anarquistas estrangeiros estão cheias de nomes italianos, salpicados de espanhóis.

Começando já o século XX, o anarquismo se reorientou para o sindicalismo revolucionário, e já observamos que tanto suas datas como suas inspirações doutrinárias são similares às francesas. Somente em 1910, com a conversão de Solidariedad Obrera em CNT, pode começar a falar-se de excepcionalismo espanhol. Para estes tempos, no resto do mundo, salvo Argentina, o sindicalismo antirreformista e antipolítico pertencia ao passado. Na Espanha, pelo contrário, ainda todavia estava por chegar seus melhores dias. Mas inclusive nestes trinta anos escassos de vida que tinha o anarquismo espanhol, sua história consistiu em rápidos estalidos ou

chamuscadas, sem continuidade cronológica nem geográfica, e sem afiliação estável. Entre 1910, ano de sua fundação, e 1916, a CNT, pode dizer-se, apenas existiu. Nos quatro anos seguintes, pelo contrário, e ainda que limitada à área industrial de Barcelona, viveu um momento dourado, sob a influência de Salvador Seguí. Tornou a declinar, a partir de fins de 1920, depois do novo período de pistoleirismo, e foi apagada da vida legal pelo golpe de Primo de Rivera, o que torna impossível afirmar que persistira nas mesmas zonas e com os mesmos níveis de apoio popular ao largo do resto dos anos vinte. Reapareceu em 1930-1931, com enorme impulso, e começou então outro sexênio de excepcionalismo, no qual se consagrou a imagem do anarquismo como traço inapagável da cultura política espanhola. Mas, precisamente neste momento, em que se estendeu pelo resto da Península, sofreu um retrocesso na Catalunha, seu baluarte tradicional. Por outra parte, este período foi breve. A partir de 1937, suas cifras caíram e nos meses finais da República, o ativismo anarquista não passava de residual. Quando, quarenta anos depois, terminou a ditadura de Franco e se levantaram certas expectativas sobre a possível reaparição do movimento libertário como grande força política no país, tal reaparição não se produziu.

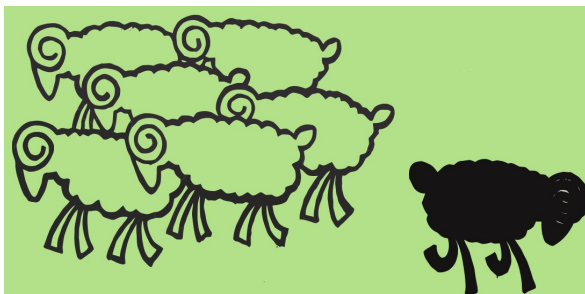
Não é fácil, resumidamente, defender a tese de que uma poderosa presença anarquista foi um traço estável – nem muito menos permanente – na vida política da Espanha contemporânea, diferentemente de outros países do entorno.

Traduzido por A.M. (Paraná) Verão 2014

Votamos nulo Por Politica De outro jeito!

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!

ANARKIO.NET

Organização Autonoma Sem Partidos, sem Patrões, Sem Estado!

Anarquismo Básico

(2ª Parte, fragmento traduzido por Danças das Idéias)

Diversidade de Opções Econômicas Libertárias

Dentro do anarquismo existem diferentes correntes que defendem formas distintas de organizar a produção: mutualismo, coletivismo, comunismo, cooperativismo, individualismo..., e falaremos de todas. Mas essa diversidade não é um problema quando todas as decisões são tomadas em assembleia e há liberdade. Ocorre o contrário: quanto mais opções melhor para que todos possam escolher, por meio da experimentação, podemos ver qual é o mais eficaz e satisfatório para o nosso próprio ponto de vista, pois ninguém mais decide por nós.

Seguindo essas ideias os anarquista reunidos em seu congresso de Carrara em 30 de Agosto a 8 de Setembro de 1968, lucidamente em sua monção sobre "A organização da economia em uma sociedade anarquista, ou durante a etapa de transição revolucionária até a anarquia: ... Pelas mesmas razões nossa concepção de socialismo integral, do socialismo acrata é ampla e não exaustiva, nem unilateral nem uniforme em suas possibilidades e modalidades de aplicação prática. E se nossas preferências são pelo comunismo libertário, como regime econômico aberto e perfectível não rechaçamos sistematicamente, menos as burguesas e autoritárias, outras modalidades de organização social, já sejam de tipo mutualista, coletivista, cooperativista, etc, sempre que delas caiam excluída toda raiz de exploração do homem pelo homem. A liberdade de experimentação de modalidade econômicas justas e adequadas para dar satisfação as necessidades humanas e assegurar ao homem o máximo de liberdade e o maior bem-estar, deverão ter a via aberta na sociedade anarquista, tratando, naturalmente , de que marchem de comum acordo com a convivência do conjunto e do sistema geral cimentado na associação

federativa dos produtores livres e de consumidores solidários. A experimentação e coexistência de modalidades de tipo socializador, mutualistas, coletivistas, comunistas libertárias, cooperativistas (não comerciais), etc, em escala local, municipal, regional ou nacional, pode ser possível, dentro do sistema libertário, salvaguardado o princípios anárquico essencialmente antiautoritário, fundamentalmente autonomo e federalista. E o máximo se entende, como é lógico libertariamente, que a evolução humana e a das formas sociais não se estanca e que nenhuma estrutura econômica poderia considerar-se definitiva e imutável. Criar sempre mais liberdade, mais bem-estar, mais abundância de tudo, maior perfeição, e as melhores condições para o pleno desenvolvimento do indivíduo, do grupo social, do conjunto humano, tal deve ser a orientação e o fim da sociedade anarquista, da organização social e econômica libertária".

Economia da dádiva

Podes pensar que isto é um conto de fadas, podes perguntar-se se para não haver um cálculo entre o que dá e o que se recebe, não haverá abusos ou desequilíbrios e explodirá a escassez. E desde já digo que não.
Pensa que boa parte da economia mundial (e de tua própria vida) descansa no princípio de dar sem esperar imediatamente nada em troca, ou sem garantias de cobrar algo pelo o entregue, por exemplo nas relações que se dão entre pais e filhos, os presentes, favores a amigos, o amor entre pessoas... Pensa nas doações de sangue e de órgãos, na hospitalidade com desconhecidos, na ajuda voluntária a famílias menos favorecidas, nos trabalhos comunitários não remunerados, nas tarefas domésticas das mulheres que se fazem sem cobrar um salário...
Muitas manifestações da economia não monetária na atualidade estão recessão devido a forte influência do capitalismo. Mas eliminado este e o incentivo do lucro e a ganância, a confiança e a ajuda mutua se convertem na norma geral. Os antropólogos descrevem este circuito econômico em termos de Economia da Dádiva: dar, receber e devolver. Isso cria vínculos fortes entre indivíduos e comunidades, muito mais que pela imposição de uma lei ou uma força militar.

Possibilidade da organização econômica autogestionária

Tens que ter em mente que o que agora se chama mercado não é mais que

um sistema regulado em que entram uns estímulos (demanda de objetos, recursos, serviços ….) que produzem uma resposta (produção, distribuição, intercambio, consumo) e assim sucessivamente. Este fluxo de energia é uma atividade real que existe em qualquer modo de produção, seja silvícola, campesino, escravista, feudal, capitalista de Estado ou de empresa privada, e seguirá existindo na sociedade libertária com regras diferentes as atuais. Podes chama-lo de intercâmbio libertário, economia anarquista ou de outra forma que queira, mas se reduz em produzir coisas que a gente necessita e a distribui-las.
Na atualidade desse fluxo se chama Mercado e está sob a intervenção do Estado e dos diversos monopólios que o faz funcionar de uma maneira determinada. Porque há de ter em conta que dependendo das condições que imponhas a esses intercâmbios, funcionaram de um modo ou de outro. Se impõe valores como o lucro e o enriquecimento privado, conseguirás competitividade, luta, depredação, ruína de muitos e enriquecimento de uns poucos poderosos. Se defende como objetivo a satisfação coletiva e bem-estar para todos terás cooperação, intercambio e interesses comuns. Por isso as leis econômicas não são mais do que tendências de atuação que ocorrem em momentos concretos da história.
Se recordas, quando falamos do capitalismo e que necessitava (em resumo) de trabalhadores assalariados, os quais eram tratados como mercadorias. Necessitava de desempregados para manter os baixos salários (tendo deste modo uma força de trabalho inutilizada). Necessitava escassez para que os preços estivessem altos, não exitando em destruir mercadorias se for o caso. Necessitava que os trabalhadores não tivessem meios de produzir e trocar. Na atualidade, o capitalismo emprega para determinar os preços, dinheiro sem lastro material (ouro, mercadorias) que possa ser emitido pelo Estado e satisfaça a conveniência dos capitalistas. No capitalismo privado, as empresas para competir formam monopólios, carteis, trusts, holdings e multinacionais que impõe a ditadura econômica sobre os trabalhadores e sobre os consumidores, o colonialismo econômico sobre os países mais pobres.
O consumidor através da propaganda é impulsionado a trabalhar mais e mais para adquirir aqueles produtos que convém ao empresário. O consumo se converte na dominação do homem pelo interesse do monopólio: só se produz aquilo que proporciona dinheiro aos ricos, e as vezes a mercadoria pode responder as necessidades reais dos pobres, sempre te dão o mais caro do que realmente vale, pois o objetivo é o lucro e tu tens que pagar para o empresário, que sempre tem tendência a encarecer o

preço. Em outros casos a indústria de criação de necessidades, te procura convencer para que adquiras objetos que sem a publicidade não compraria. Assim que o capitalismo te reduz a condição de consumidor, e afirma que tua atividade eletiva fundamental é a compra de mercadorias... É isto satisfatório para ti? Pensa que quando uma pessoa manifesta que é alguém diante das demais pela possessão de um carro, um telefone caro ou de uma roupa de marca, de certo modo converte-se no carro, no telefone, na marca: foi alienado economicamente, tanto como pode ser um incauto nas mãos de uma seita religiosa para qual se vê obrigado trabalhar. Sendo eles despossuídos, explorados, reduzidos a condição de trabalhador produtor de valor a mais (mais valia) entregue ao patrão e ao Estado no capitalismo de gestão privada, ou ao burocrata no capitalismo de Estado comunista.
Sempre no capitalismo uma minoritária casta de possuidores improdutivos e avarentos, se apropriam da riqueza social e a dilapidam em alguns casos, as armazena em outros, e as destroem mediante sua competência. Isso leva o sistema ao endividamento, as crises periódicas, ao processo de inflação e deflação, e a uma corrida em prol do crescimento sem limites que mais cedo ou mais tarde levará a uma monumental e terrível bancarrota mundial.

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net